

# Segmentação dos movimentos sociais no site de relacionamentos Orkut

**Lívia Bergo**

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora

**Vanessa Alkmin Reis**

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora

## Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a segmentação dos movimentos sociais na rede mundial de computadores, tomando como exemplo o site de relacionamentos Orkut, o mais popular entre os brasileiros. Abordamos a constituição dos novos movimentos sociais, que emergem na realidade de uma cultura individualizante, pautada pelos valores da globalização, da velocidade, do imediatismo e da aparente apatia política (ao olhar da política tradicional). Analisamos aspectos importantes da organização em redes, como a ausência de centros de poder e a auto-regulamentação, essenciais para a compreensão da cultura ocidental que se apresenta nos dias atuais. Finalmente, procedemos à análise do citado website, focada em comunidades que têm como tema central as causas sociais e avaliamos a segmentação existente nestes grupos, com base em estudos teóricos da comunicação.

**Palavras-chave:** movimentos sociais, redes, Orkut.

## Abstract

*This work aims to study the segmentation of social movements in the World Wide Web, taking as an example the social network website Orkut, the most popular among Brazilians. We discuss the formation of the new social movements, which emerge in the reality of an individualizing culture, guided by the values of globalization, speed, immediacy and the apparent political apathy. We analyze important aspects of the organization in networks, as the absence of power centers and self-regulation, essential to the understanding of the western culture nowadays. Finally, we proceed to the analysis of the mentioned website, focused on communities that have as their central theme social issues and evaluate the segmentation that exists in these groups, based on theoretical communication studies.*

**Keywords:** social movements, networks, Orkut.

## Introdução

Nos últimos três anos, o Orkut ([www.orkut.com](http://www.orkut.com)) tornou-se o mais popular site de relacionamentos entre os brasileiros. Sua página inicial apresenta a pergunta “quem você conhece?”, chave de entrada para um perfil pessoal que exemplifica, entre fotos e ligações entre os membros, um fenômeno que sempre existiu, mas vem se tornando cada vez mais visível na sociedade contemporânea: a organização em rede. Na cultura da conexão constante em que vivemos, cada ser humano com acesso à *web* transforma-se em mais um nó da teia computadorizada que abrange todo o globo.

Neste momento da história, passamos de uma mídia de massa – com poucos produtores para uma grande audiência, resultando em conteúdos uniformizados e pouca possibilidade de escolha – a um sistema em que qualquer pessoa conectada à rede pode ser produtora de informação, utilizando as ferramentas cada vez mais simples que a Internet disponibiliza. Para o pesquisador Kevin Kelly (2005), “a rede continua a evoluir, de um mundo regulado pela mídia de massa e audiência também de massa para outro regulado por uma mídia confusa e participação também confusa. O quão longe este turbilhão de criatividade pode ir?”.

Com isso, abre-se espaço nos fluxos informacionais para os mais diversos tipos de pensamentos, ideologias e grupos, que encontram na rede os meios para expressar suas idéias e localizar partidários das mesmas causas em qualquer lugar do mundo. Segundo Albert Lázsló-Barabási (2003), a Internet é

uma das maiores redes que o ser humano já construiu. É uma rede virtual cujos nós são páginas que contêm de tudo: notícias, filmes, fofocas, mapas, fotos, receitas, biografias, e livros. Se algo pode ser escrito, desenhado ou fotografado, há chances de que já haja algum nó na web que o contenha de alguma forma (p. 30-31, tradução nossa).

Para os movimentos sociais, a expansão da Internet favoreceu a divulgação de suas idéias, através da facilidade e baixo custo da circulação de informações. Desde então, grupos militantes dos mais diversos interesses vêm encontrando na rede um novo lugar para suas articulações, seja através da criação de sites próprios, como os Centros de Mídia Independente, ou da utilização de outras plataformas já existentes, como os fóruns, listas de discussão e sites de redes sociais. Para o presente trabalho, tomamos como exemplo o Orkut, por sua popularidade entre os brasileiros e facilidade de acesso, uma vez que, ao contrário dos grupos baseados na troca de mensagens eletrônicas (e-mails), as comunidades do site apresentam discussões públicas, disponíveis a qualquer internauta nele cadastrado.

### A Rede das redes

Já não é mais novidade afirmarmos que as novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) tornam-se ferramentas indispensáveis – e por que não dizer intrínsecas – à geração de riqueza, ao exercício do poder<sup>1</sup> e à

criação de códigos culturais. É interessante salientarmos, porém, o quanto tais inovações potencializaram uma forma de organização social já antiga: as redes. Como identificou Castells (1999),

essa configuração topológica, a rede, agora pode ser implementada materialmente em todos os tipos de processos e organizações graças a recentes tecnologias da informação. Sem elas, tal implementação seria bastante complicada. E essa lógica de redes, contudo, é necessária para estruturar o não-estruturado, porém preservando a flexibilidade, pois o não-estruturado é a força motriz da inovação na atividade humana (p. 78).

Podemos definir tal estrutura como um conjunto de nós interconectados por ligações, mais comumente chamadas de *links*. As redes, como estruturas abertas capazes de expandirem-se de forma ilimitada, estão sempre aptas a abranger novos nós, desde que estes consigam comunicar-se dentro delas, ou seja, compartilhem os mesmos códigos de comunicação. E, entre esses nós, destacam-se os *conectores*, definidos por Barabási (2003) como “nós com um enorme número de links” que

estão presentes em sistemas complexos muito diversos, variando desde a economia até a célula. Eles são uma propriedade fundamental da maioria das redes, um fato que intriga cientistas de diferentes áreas, como biologia, ciências da computação e ecologia (p. 56, tradução nossa).

Uma vez entendidos tais conceitos, é fácil identificar que vivemos, hoje, uma realidade cujos processos dominantes estão cada vez mais baseados em redes, as quais se tornaram o modo principal de organização das atividades humanas, transformando, a partir de sua lógica, todos os domínios da vida socioeconômica. A Sociedade em Rede, definida por Castells (1999), é caracterizada por uma nova morfologia social, um sistema aberto dinâmico capaz de abarcar inovações sem comprometer seu equilíbrio.

A difusão da lógica das redes modifica a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. A presença da rede ou a ausência dela e as relações entre as redes entre si são fonte de dominação e transformação na sociedade. E os conectores são os detentores do poder, ou seja, as conexões que ligam as redes são os instrumentos do poder.

Porém, toda essa reconfiguração não teve impacto tão negativo no capitalismo como havia sido previsto. Pelo contrário, este sistema se reestruturou e hoje dá forma às relações sociais em todo o planeta.

Redes são instrumentos apropriados para: a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de desconstrução e reconstrução contínuas (CASTELLS, 1999, p. 498)

Nesse sentido, as relações sociais entre capital e trabalho sofreram profunda transformação. O informacionalismo<sup>2</sup> leva à concentração e globalização do capital exatamente pelo emprego do poder descentralizador das redes. Os trabalhadores perderam sua identidade coletiva, tornando-se mais individuali-

zados quanto a suas capacidades, condições de trabalho, interesses e projetos.

Embora as relações capitalistas de produção persistam, capital e trabalho tendem cada vez mais a existir em diferentes espaços e tempos. Os processos de transformação social sintetizados no tipo ideal de sociedade em rede ultrapassam a esfera de relações sociais e técnicas de produção, afetando a cultura e o poder de forma profunda. Sejam quais forem os atores políticos e suas preferências, eles existem no jogo do poder praticado através da e pela mídia, nos seus variados sistemas que incluem as redes de comunicação mediada por computadores.

Sob essas condições, a Internet tornou-se uma alavanca na transição para a nova sociedade em rede e, conseqüentemente, uma nova economia. Suas aplicações como meio de comunicação são amplas e diversas e interferem em todos os tipos de relações. E sua influência vai além do número de seus usuários, destacando-se em decorrência da busca da qualidade como essencial às atividades econômicas, sociais, políticas etc.

Para Castells (2003), a Internet é, sem dúvida, uma tecnologia da liberdade, que possibilita agirmos sobre nós mesmos – tanto individual quanto coletivamente –, usarmos a tecnologia a nosso favor e interferir na qualidade de vida da sociedade:

As fontes culturais da Internet não podem ser reduzidas, porém, aos valores dos inovadores tecnológicos. Os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais [...], desenvolveram e difundiram formas e usos na rede: envio de mensagens, lista de correspondência, salas de Chat, jogos para múltiplos usuários, conferências e sistema de conferência. [...] essas comunidades trabalham com base em duas características fundamentais. A primeira é de valor da comunicação livre, horizontal [...] o segundo valor compartilhado que surge das comunidades virtuais é o que eu chamaria formação autônoma de redes (CASTELLS, 2003, p. 46).

Porém, as bases significativas da sociedade estão sendo transformadas. E mesmo carregando um potencial libertador, a Internet acelera a construção social de novas formas dominantes de espaço e tempo, desenvolvendo uma nova rede que tende a ignorar grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados.

E nessa realidade, em que convivem a rede e o ser, a fragmentação social se propaga gerando situações que desestruturam os movimentos sociais, causam problemas entre as normas internacionais e dificultam a articulação de uma oposição política.

Isso também interfere na individualidade dos seres humanos e no sentimento de isolamento ocasionado pela falta de identidade, sem base de princípios e valores coerentes que possam orientar melhor o seu processo comportamental.

#### **Novos movimentos sociais: a multidão em rede**

Os novos movimentos sociais surgem no contexto dessa cultura individualizante, que, ao valorizar cada vez mais os aspectos da vida íntima das

peças, suas escolhas e sentimentos, acaba por desestimular a participação cívica e as relações sociais impessoais em espaços coletivos. Cada vez mais a televisão apresenta-se como único lazer disponível para muitas famílias (reflexo também da violência urbana), ao mesmo tempo em que as cidades, construídas sob um planejamento orientado mais para carros do que para cidadãos, apresentam cada vez menos espaços de uso comum, enfraquecendo o senso de pertencimento e coletividade. Assim, os indivíduos recolhem-se em pequenas “tribos”, aproximando-se por afinidade em assuntos de cunho pessoal (NASCIMENTO, 1998).

Juntamente com o desinteresse pela política partidária tradicional, emergem novas formas de ação, descentralizadas e horizontais. Estes movimentos orientam-se para causas bem específicas, como a defesa do meio ambiente, dos direitos das mulheres, da igualdade racial, da livre socialização do conhecimento: “A luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico” (CASTELLS, 2003, p. 117). Por outro lado, todos estes movimentos dirigem o olhar para além de suas especificidades, por compartilharem do entendimento de que seus problemas provêm de uma mesma fonte: a globalização baseada na lógica do capital.

Manifestações como a que ocorreu em 1999, durante a reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) em Seattle<sup>3</sup>, são lideradas por movimentos conhecidos pela mídia como antiglobalização. Os grupos preferem, porém, ser denominados de anticorporação (KLEIN, 2003, p. 25). Seus protestos de caráter festivo, sem líderes revolucionários ou armas de fogo, têm como alvo as empresas multinacionais, que, segundo eles, inibem as iniciativas locais de produção em pequena escala, impõem suas regras de comércio, oprimindo comunidades do mundo todo, e, não raro, desrespeitam o meio ambiente do entorno de suas fábricas, o que reflete não na qualidade de vida de seus dirigentes, mas na da população que ali vive.

Com isso, colocam-se em prática novas formas de pensar os conceitos de comunidade e sociabilidade, cada vez mais dissociados dos fatores temporais e espaciais. As NTIC proporcionaram o advento da comunicação assíncrona, possibilitando, assim, que indivíduos em pontos diversos do globo, vivendo em fusos horários diferentes, possam trocar mensagens entre si sem a necessidade de estar conectados um com o outro em tempo real.

Ao mesmo tempo, com as mudanças sociais decorrentes da urbanização e modernização tecnológica, a proximidade geográfica deixou de ser determinante na formação das redes sociais. Para isso, as tecnologias da Internet – como listas de discussão e grupos de afinidade – facilitaram a aproximação de pessoas com idéias semelhantes, independente de sua localização geográfica:

[...] o que observamos em nossas sociedades é o desenvolvimento de uma comunicação híbrida que reúne lugar físico e ciber lugar (para usar a terminologia

de Wellman) para atuar como suporte material do individualismo em rede (CASTELLS, 2003, p. 109 -110).

Com a globalização, o papel dos atores na sociedade passou a ser determinado não apenas por sua proximidade com relação aos fluxos informacionais, mas também por sua capacidade de produzir e regular seus próprios fluxos (ELHAJJI, 2000, p. 54-55). Para os interessados em práticas ativistas, a Internet ampliou as oportunidades de produção de fluxos de informação sem passar pelo crivo regulador do Estado e das instituições.

Esta reconfiguração se sedimentou especialmente após o surgimento da cultura *hacker*, através da qual pessoas com conhecimentos na área de informática passaram a realizar ações subversivas online, como a invasão de sites de multinacionais e governos, cópia de dados confidenciais e livre distribuição de arquivos, alguns dos quais protegidos por direitos autorais. No caso dos zapatistas, por exemplo, a união dos *hackers* com diversos grupos ativistas permitiu a articulação em rede e a disseminação de suas idéias em diversos países, em um fluxo informacional que se valeu da própria globalização para alcançar seus objetivos.

38

Como podemos observar, a organização dos novos movimentos sociais geralmente se realiza de forma horizontal, sem hierarquias ou normas rígidas. Esta característica, muitas vezes confundida pelos críticos com desorganização, é análoga à própria forma de organização apresentada pela Internet. Os grupos formam entre si uma grande rede por uma outra globalização, utilizando como suporte a própria rede mundial de computadores. A interação entre coletivos – e entre indivíduos de um mesmo coletivo – é facilitada pelas tecnologias de comunicação online: e-mail, programas de comunicação instantânea, listas de discussão, ferramentas para publicação fácil e gratuita de websites. Segundo Steven Johnson, “se você está tentando lutar contra uma rede distribuída como o capitalismo global, é melhor mesmo se tornar uma rede distribuída” (JOHNSON, 2003: 169).

Retomando o exemplo dos protestos de Seattle, juntamente com o levante zapatista no México e as manifestações contra a reunião de cúpula do G8 em Gênova, os ativistas reproduziram em sua organização a disposição em rede encontrada na web, na qual, apesar da presença de inúmeros nós interconectados, a ausência de qualquer dos nós não impede o funcionamento total da rede. “Elas [as redes] são uma teia sem aranha, auto-organizadas, oferecendo o vívido exemplo de como as ações independentes de milhares de *nós (nodes)* e *ligações (links)* podem conduzir a um espetacular comportamento de emergência” (ANTOUN, 2004, p. 10).

Steven Johnson (2003) compara os movimentos de ativismo global às colônias de formigas e microorganismos, para ilustrar a idéia de ações *bottom-up*: como nas novas formas de manifestação, estes seres organizam-se num esquema de autogestão, sem a presença de um líder. Do mesmo modo, as comu-

nidades reunidas em grupos específicos encontram particularidades comuns a todas as outras, e, juntas, empenham-se no esforço de reivindicar seus direitos.

A década de 1990 testemunhou a ascensão do movimento dos movimentos, a luta conjunta da multidão. Uma multidão heterogênea, plural, diferentemente do conceito de massa, que muitas vezes predomina nas visões do governo e da mídia. O que vimos surgir é um movimento múltiplo, feito da união de vários movimentos; globalizado, por sua mobilização além das fronteiras nacionais; e constituinte, ou seja, forma embrionária de um tipo completamente novo de participação na política e na sociedade (COCCO, 2002).

Conforme vimos, a multidão<sup>4</sup> age e, principalmente, interage no interior do ciberespaço. As identidades, cada vez mais pautadas por interesses particulares e características determinadas, encontram na rede espaço para a existência e a troca, sejam quais forem suas especificidades. Assim, a adoção da Internet em larga escala possibilitou a articulação de pessoas com interesses semelhantes em torno do que chamamos de comunidades virtuais. Derrubadas as fronteiras físicas, as pessoas estão livres para agrupar-se de acordo com suas afinidades, trocando experiências e informações entre si, ou seja, cooperando e construindo projetos comuns.

Segundo Howard Rheingold, possível criador do termo, a comunidade virtual pode ser definida por “um agregado social que surge na Internet, quando um conjunto de pessoas leva adiante discussões públicas longas o suficiente, e com suficiente emoção, para estabelecerem redes de relacionamentos no ciberespaço” (*Apud* PAULINO, 2003, p. 6). Já para Castells, elas “se entendem como uma rede eletrônica de comunicação interativa autodefinida, organizada em torno de um interesse ou finalidade compartilhados, embora algumas vezes a própria comunicação se transforme no objetivo” (*Idem*, p. 6).

No caso da interação mediada, como a que acontece por meio da Internet, podemos observar características peculiares, como “separação dos contextos, disponibilidade estendida no tempo e no espaço, estreitamento da margem de pistas simbólicas, orientação dirigida para outros específicos e caráter dialógico” (SANTAELLA, 2004, p. 157). Nessas condições, a interatividade, considerada por Lúcia Santaella como “o processo pelo qual duas ou mais coisas produzem um efeito uma sobre a outra ao trabalharem juntas” (*Idem*, p. 154), depende da tecnologia para se estabelecer.

#### Movimentos sociais segmentados: estudo do website Orkut

O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de Janeiro de 2004. Atualmente, a plataforma possui mais de sessenta milhões de usuários cadastrados, dos quais 55% se declaram brasileiros. Os números não correspondem ao número exato de pessoas conectadas ao site, já que diversos usuários criam mais de um perfil, ou selecionam um país diferente no campo que solicita seu local de residência.

A diversidade presente nas inúmeras comunidades do Orkut é imensa. Encontram-se lugares para discutir sobre todo e qualquer assunto, e milhares de outros lugares que não discutem assunto algum e são usados apenas para compor o perfil do usuário, explicitando algumas de suas características. Assim, à medida em que os movimentos sociais tornaram-se mais diversificados, com a atenção voltada para aspectos como a cor da pele e a orientação sexual do indivíduo, foram criados também espaços de discussão com ênfase semelhante.

O movimento negro promove debates sobre seus temas em diversas comunidades do site. O grupo *Orgulho Negro* tem mais de 40 mil participantes e, em seu fórum, podemos encontrar tópicos sobre negros na filosofia, políticas afirmativas e vários casos de racismo, entre outros. Assuntos semelhantes são encontrados na comunidade *Consciência Negra*, com mais de 16 mil membros. Lá, os usuários discutem o estatuto da igualdade racial, as cotas em universidades, o papel dos negros na política, no teatro, bem como livros de história negra e personagens de TV. Já na comunidade *Movimento Negro*, com cerca de 1.200 pessoas, a ênfase é dada às denúncias de casos de discriminação, com espaço também para tópicos sobre relacionamentos interracialis e negros e negras de destaque em suas áreas de atuação e/ou na mídia.

Nas comunidades citadas, o movimento negro se expressa e discute questões de interesse de seus membros. Porém, com a crescente tendência à individualização e customização que a cultura contemporânea apresenta, algumas pessoas sentem necessidade de criar grupos para abordar questões ainda mais específicas. Para exemplificar este fato, podemos citar a comunidade *Movimento Comunista Povo Negro*, com aproximadamente 340 membros. A descrição da página afirma o objetivo de “integrar a luta do povo negro do Brasil e do mundo de uma perspectiva revolucionária”. As discussões são semelhantes às demais comunidades citadas, porém pautadas por um viés comunista.

A comunidade *Negras Feministas*, com mais de mil pessoas, se propõe a “criar uma proposta feminista autocentrada”. Em um tópico, quando um homem questiona a criação de uma comunidade restrita às mulheres negras, uma das participantes responde: “[...] essa comunidade tem por objetivo discutir questões relacionadas as experiências vividas por nós mulheres negras que se difere das vividas por mulheres brancas (espero que este senhor tenha noção disso), não achamos que comunidades universalistas dêem conta de nossa realidade”.

O mesmo tipo de questionamento aparece na comunidade *Movimento Negro Evangélico*, com cerca de 300 membros. Durante uma discussão acerca da cor da pele de Jesus, um rapaz sugere que a criação de uma comunidade para negros evangélicos promove uma espécie de separação entre os fiéis, podendo passar a impressão de desunião e até mesmo racismo no interior das igrejas. Neste caso, podemos verificar como a ênfase em um certo aspecto da identidade do sujeito pode interferir na expressão de outra característica, provocando conflitos.

O movimento feminista também encontrou no site meios para se expressar em todas as suas peculiaridades. Além de comunidades de interesses gerais da causa, e da já citada *Negras Feministas*, outros grupos pretendem contemplar interesses cada vez mais individualizados. Mais de 2.800 pessoas compõem o grupo *Homens Feministas*, no qual pessoas de ambos os sexos discutem as opressões sofridas pelas mulheres, as diferenças históricas atribuídas aos gêneros e relacionamentos pessoais de maneira geral.

Na comunidade *Jovens Feministas*, mais de 1.200 garotas debatem temas como aborto, estupro e o papel da mulher na publicidade. A partir deste grupo, outro ainda mais específico foi criado, o *Jovens Escritoras Feministas*, com mais de 570 participantes. A comunidade incentiva jovens autoras a publicar seus textos com temáticas feministas em tópicos do fórum e deixar o endereço de seus blogs, para que outras leitoras possam acessá-los. São discutidos ainda temas pertinentes ao feminismo, à literatura e à cultura em geral.

### Considerações finais

Para se inserir na cultura dos fluxos informacionais do capitalismo do século XXI, os movimentos sociais buscam seu espaço nas mesmas instâncias que impulsionam o sistema dominante: as redes informatizadas. É neste espaço virtual que tornam suas causas visíveis e encontram outros cidadãos interessados em suas discussões, independente do lugar em que estejam. As redes proporcionam uma abundância que não se reduz a uma acumulação de bens e faz da subjetividade uma questão coletiva.

Contudo, outra característica da sociedade contemporânea merece atenção: a mercantilização da subjetividade. Vivemos numa economia da experiência, um mundo em que a vida de cada pessoa torna-se um mercado comercial (RIFKIN, 2001, p. 6). Assim, cada serviço ou experiência cultural que alimenta a vida psicológica do ser humano é colocado à venda. Podemos observar vários movimentos e estilos, antes alternativos, que foram absorvidos pelo mercado e banalizados, e tornaram-se tendências.

Assim, como proposto por alguns teóricos, é necessário que relativizemos o potencial revolucionário das novidades técnicas proporcionadas pela Internet, lembrando que nada substitui efetivamente o contato humano e a comunicação direta entre as pessoas. A individualização que, por um lado, proporciona a discussão de questões cada vez mais específicas, atendendo cada vez mais rápida e satisfatoriamente os desejos do usuário, também pode segmentar a coletividade e os movimentos sociais, fazendo com que os sujeitos se esqueçam de que fazem parte de um todo, que vai muito além da soma de suas causas específicas.

Deve-se compreender que a sociedade da informação pode acarretar uma segmentação extrema, pois ela favorece a ligação entre indivíduos e comunidades que se parecem, deixando de lado a heterogeneidade. O que parece

prioritário é resistir à segmentação da sociedade em pequenas comunidades para preservar algum sentimento de coletividade, caso contrário, não haverá o todo, ou seja, o que chamamos de sociedade.

### Referências bibliográficas

ANTOUN, Henrique. *As Lutas da Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura*. Anais do VII Colóquio Brasil França de Ciências da Comunicação e da Informação da INTERCOM. 2004. Disponível em: <http://reposcom.por-tcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18493/1/R2024-3.pdf>. Acessado em 29 ago 2007.

BARABÁSI, Albert-László. *Linked*. New York: Plume, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

COCCO, Giuseppe. *A política das multidões*. In: COCCO, Giuseppe, HOPSTEIN, Graciela. *As Multidões e o Império - entre globalização da guerra e universalização dos direitos*. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

ELHAJJI, Mohammed. *Globalização & Novas Tecnologias de Comunicação*. Lumina 4. Juiz de Fora v. 3, n. 1, p. 45-64, jan-jun, 2000.

JOHNSON, Steven. *Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KELLY, Kevin. *We are the web*. 2005. Disponível em: <http://www.kurzweilai.net/meme/frame.html?m=1>. Acessado em 29 ago 2007.

KLEIN, Naomi. *Cercas e Janelas: na linha de frente do debate sobre globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

NASCIMENTO, Susana. *Mediaticamente “Homem Público”*: Sobre a Dimensão Electrónica dos Espaços Públicos. 1998. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/nascimento-susana-mediaticamente-homem-publico.pdf>. Acessado em 29 ago 2007.

PAULINO, Rita C. R. *Comunidades virtuais e redes de relacionamentos*. In: XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: [s.n.], 2003.

RIFKIN, Jeremy. *A era do acesso*. São Paulo: Makron Books, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

### Notas

43

1 “Poder é aquela relação entre os sujeitos humanos que, com base na produção e na experiência, impõe a vontade de alguns sobre os outros pelo emprego potencial ou real de violência física ou simbólica” (CASTELLS, 1999, p. 33).

2 Segundo Castells (1999), ao contrário do industrialismo – voltado para o crescimento da economia, maximização da produção – o informacionalismo visa o desenvolvimento tecnológico, a acumulação de conhecimento e elevação dos níveis de complexidade do processamento de informação.

3 Em dezembro de 1999, durante reunião da OMC, cerca de 100 mil pessoas reuniram-se em uma das maiores mobilizações contra os efeitos nocivos da globalização. O ato foi organizado por cerca de 750 ONGs de vários países.

4 Em oposição à massa, uniforme em suas características, a multidão é formada por indivíduos singulares, que interagem, mas, ainda assim, mantêm seu pensamento e características próprias.